

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-04-30

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

André, P. & Francisco, J. (2017). Real Virtual: deambular pela cidade . In Livro de Atas V Congresso Internacional Cidades Criativas. (pp. 743-766). Porto: CITCEM.

Further information on publisher's website:

<http://www.citcem.org/publicacoes/outras>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: André, P. & Francisco, J. (2017). Real Virtual: deambular pela cidade . In Livro de Atas V Congresso Internacional Cidades Criativas. (pp. 743-766). Porto: CITCEM.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

REAL VIRTUAL: DEAMBULAR PELA CIDADE

PAULA ANDRÉ
Professora Auxiliar

JOÃO FRANCISCO
Mestre Arquitecto

Escola de Tecnologias e Arquitectura. ISCTE-IUL
Instituto Universitário de Lisboa.

Av. das Forças Armadas (Portugal) CP 1649-026.

Email: paula.andre@iscte.pt; joapedrofrancisco_@hotmail.com

Resumo

O conceito de 'Unidade de vizinhança' (Neighborhood Unit) foi criado pelo sociólogo e urbanista americano Clarence Arthur Perry nos inícios do século XX, e propunha que a Escola fosse o centro de uma comunidade residencial, defendendo que a distância que uma criança percorreria até à escola não deveria ser mais longa que 400m-800m.

Em Lisboa a Freguesia de Alvalade agrega a Cidade Universitária de Lisboa, o Museu da Cidade de Lisboa, o ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa, e o Bairro de Alvalade, cujo Plano desenhado nos anos 40 do séc. XX pelo arquitecto urbanista João Guilherme Faria da Costa, aplica o conceito de unidade de vizinhança nas 8 células que constituem o bairro.

Tomando esta Freguesia e este Bairro como objecto de estudo e assumindo o tecido urbano e a arquitectura como geradores de valor social, económico e cultural, tomamos de empréstimo o conceito de 'Unidade de vizinhança' e propomos a sua aplicação na área do Turismo, passando a ser o Hotel o novo centro das distâncias percorriáveis a pé, e a partir do qual, caminhando, se descobre o Bairro e a cidade.

Para concretizar este objectivo foi realizada uma investigação e um trabalho de campo no Bairro de Alvalade que permitiu seleccionar e mapear traçados urbanos, pré-existências rurais, arquitecturas e artes integradas, que configuram a criação de múltiplos itinerários, acessíveis e seleccionáveis a partir do Hotel utilizando uma aplicação descarregada no telemóvel. Esta estratégia deverá ainda estar associada à produção de múltiplas plataformas digitais, e terá como público-alvo, turistas, estudantes Erasmus e habitantes, podendo ser replicada noutros bairros.

Pretende-se assim explorar o sentido do caminhar e do deambular, descobrindo vidas passadas insuspeitas da cidade, valorizando a cidade banal, cruzando a história, as artes e as viagens do olhar, e conhecendo a imagética e a identidade do Bairro.

PALAVRAS CHAVE

Unidade de vizinhança, hotel, bairro, deambular

Abstract

Barcelona, the fourth most visited city in Europe, has a long history. The concept of the Neighborhood Unit was theorized by urban sociologist Clarence Perry in the beginning of the 20th century. It proposed that the Elementary School would become the new heart of the residential communities, so that the maximum walking distance between home and the school would not exceed 400m-800m.

In Lisbon, the parish of Alvalade aggregates Cidade Universitária, the City Museum, ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa and Bairro de Alvalade, designed by architect and urbanist João Guilherme Faria da Costa, in the 1940's, incorporating the concept of Neighborhood Unit as it is structured into eight cells.

Using this section of the city as a case study, we assume urbanism, architecture and art as generators of economic and social value and establish a connection between the concept of neighborhood unit and tourism by turning the tourist units (hotels, hostels and guesthouses) into the new center of the walkable distance.

An investigation and fieldwork were executed in Bairro de Alvalade, selecting and mapping urban traces, rural pre-existences, architecture and art works that configure multiple urban paths, to be made accessible and selectable through a digital platform, which could be downloaded onto smartphones by the time the visitors arrive at the touristic unit. This strategy has, as a target audience, tourists, residents in Alvalade and students from Cidade Universitária and can be replicated in other neighborhoods.

Therefore, the aim is to explore the act of walking and roaming, discovering the city's past lives, valuing the common city, connecting history, arts and architecture and clarifying the imagery and identity of Bairro de Alvalade.

KEY WORDS

Cultural tourism, Modernisme, history, nationalism



Introdução

Em 1948 a inauguração do Bairro de Alvalade era notícia de um jornal diário sob o título “Lisboa Nova” (*O Século Ilustrado*, 1948), salientando o contraste com a cidade velha (*O Século*, 1948), e ainda destacando que no “local onde era campo coberto de hortas e pomares, ali à beira da cidade velha, que lhe gastava as hortaliças e as frutas”, nascia a Lisboa nova. “O espaço rural, as quintarolas desapareceram para sempre, ficaram mais longe” empurrando e criando novas periferias “para os lados de Sacavém e Moscavide”, salientando com orgulho que “o campo foi rasgado sob o desenho de arquitectos que vivem a cidade de hoje, artistas urbanistas que criaram a golpes de audácia e de talento, a cidade de amanhã” (*O Século*, 1948). Essa Lisboa nova era anunciada como “uma pequena cidade portuguesa” riscada e projectada pelos engenheiros e arquitectos da Câmara Municipal de Lisboa que honram a ciência e arte do País, com inauguração marcada pelas 17h do dia 23 de Setembro de 1948, considerada a “primeira experiência de urbanização de grande escala da Câmara Municipal de Lisboa, no sítio de Alvalade – que assim se denominava o novo subúrbio” (*O Grande Plano de Urbanização de Alvalade*, 1948).



Figura 1 - Bairro de Alvalade, Unidades de Vizinhança (1-8) e respectivos equipamentos escolares.

De iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, o *Plano de Urbanização da zona a sul da Av. Alferes Malheiro*, vulgo Bairro de Alvalade, foi desenhado em 1944 pelo arquitecto-urbanista João Guilherme Faria da Costa, com execução das obras assumida pelo Estado e por empreiteiros particulares, dirigidos e fiscalizados pelos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Lisboa. Integrado na política de expropriações do ministro das Obras Públicas e Presidente do Município engenheiro Duarte Pacheco e inserido no *Plano Director de Lisboa* (1938-48), foi concebido com uma área de 230 hectares (habitação, equipamentos e indústria não poluente), para 45 000 habitantes (habitações de renda económica, renda limitada e renda livre) e composto



por 8 células (organizadas em redor de uma escola primária). As 8 células estavam estruturadas a partir do conceito de *Neighborhood Unit* (Unidade de vizinhança) criado pelo sociólogo e urbanista americano Clarence Arthur Perry nos inícios do século XX, propondo que a Escola fosse o centro de uma comunidade residencial, defendendo que a distância que uma criança percorreria até à escola não deveria ser mais longa que 400m-800m.

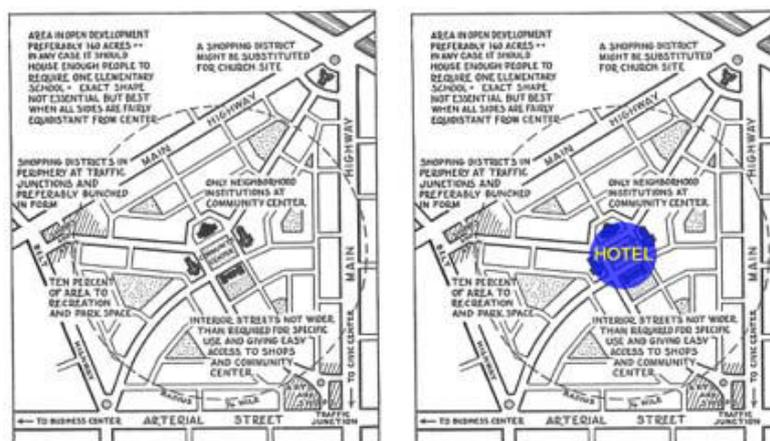


Figura 2 - Esquema de uma unidade de vizinhança, realizado por Clarence Perry (sociólogo). Aplicação do conceito ao sector turístico na actualidade. Imagem manipulada a partir da original (Lamas, 1992. p. 319).

Arthur Perry procurava valorizar o percurso, o caminhar, o deambular em detrimento da invasão do tráfego automóvel. O caminhar como prática estética foi desenvolvido pelo arquitecto Francesco Careri (2016), através de um estudo de propostas históricas (das vanguardas artísticas à land art) ancoradas na deambulação, e herdando o personagem oitocentista de Baudelaire o *flaneur* (2015).

Objetivos

Tomando esta Freguesia e este Bairro como objecto de estudo e assumindo o tecido urbano e a arquitectura como geradores de valor social, económico e cultural, tomamos de empréstimo o conceito de unidade de vizinhança e propomos a sua aplicação na área do Turismo, passando a ser o Hotel o novo centro das distâncias percorriáveis a pé, e a partir do qual e caminhando se descobre o Bairro e a cidade.

Pretende-se assim explorar o sentido do caminhar e do deambular, descobrindo vidas passadas insuspeitas da cidade, valorizando a cidade banal, cruzando a história, as artes e as viagens do olhar, e conhecendo a imagética e a identidade do Bairro.

Metodologia

Para concretizar este objectivo foi realizada uma investigação e um trabalho de campo no Bairro de Alvalade que permitiu seleccionar e mapear traçados urbanos, pré-existências rurais, arquitecturas e artes



integradas, que configuram a criação de múltiplos itinerários, acessíveis e selecionáveis a partir da chegada ao Hotel por via de uma aplicação descarregada no telemóvel. Esta estratégia deverá ainda estar associada à produção de múltiplas plataformas digitais, e terá como público-alvo, turistas, estudantes Erasmus e habitantes, podendo ser replicada noutros bairros.



Figura 3 - Zona da freguesia de Alvalade, com o Bairro de Alvalade delimitado. Existem cerca de 22 unidades turísticas na área, assinaladas a azul. 1 – Hotel nh Campo Grande; 2 – Hotel Villa Rica; 3 – LxRoller Premium Guesthouse; 4 – Apartment Roma Areeiro e Apartamento Roma; 5 – Hotel Roma; 6 – Hotel Lutécia; 7 – Nesha Guesthouse Lisbon; 8 – The Olive Tree House; 9 – Guesthouse Guerreiro; 10 – Lisboa Special View; 11 – Lisboa Trendy; 12 – Cozy & Simple Apartment At Roma e Autentik Guest House; 13 – MyNookLisbon; 14 – Lisbon Family Hostel; 15 – Alvalade Apartment e Alvalade II Guest House; 16 – Duplex Lisboa; 17 – 4U Lisbon Guest House; 18 – 4U Lisbon II Guest House; 19 – 4U Lisbon III Guest House.

1. Deambular pelo Bairro de Alvalade com olhar radiográfico

Diariamente, turistas de diversas zonas do mundo deslocam-se a Lisboa, alguns dos quais hospedando-se na zona da freguesia de Alvalade. Muitos deslocam-se em viagens de trabalho, sendo a sua estada de curta duração, o que se revela dificultador de conhecer as típicas zonas turísticas da cidade. Associando as premissas do desenho urbano do Bairro de Alvalade, que facilita os passeios a pé de curta duração, e usufruindo das possibilidades que as novas tecnologias proporcionam, é nosso objetivo explorar a informação e o valor do Bairro de Alvalade de modo a que esta possa ser utilizada numa *aplicação digital de turismo*, permitindo uma nova visão sobre o bairro num contexto *in loco* de realidade aumentada, de modo a conferir a evolução do território e da cidade.

Tomando como referência o filme “Powers of Ten” (1977), de Charles Eames e Ray Eames – em que os conceitos de tecnologia e escala se fundem – a abordagem ao Bairro de Alvalade foi realizada em várias



escaladas, abrangendo o urbanismo, a arquitectura, as obras de arte pública integradas em edifícios e a escala rural preexistente.

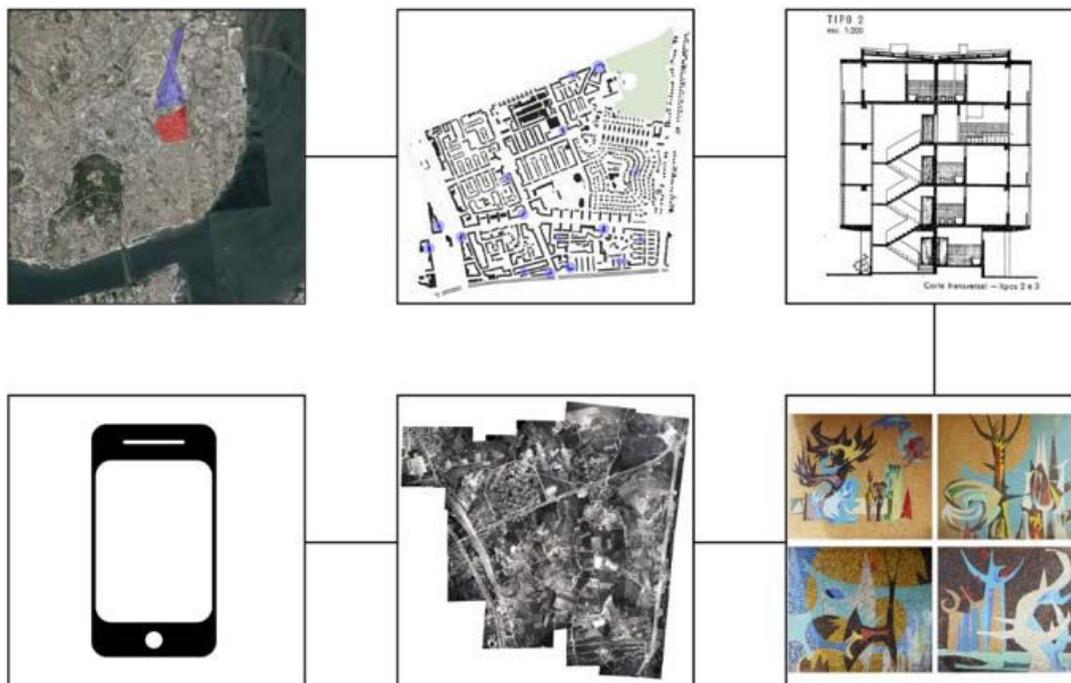


Figura 4 - Esquema conceptual.

O Bairro de Alvalade é resultado de um plano de urbanização caldeador de referências a diferentes pressupostos urbanos, aos quais se acrescentou uma arquitetura em plena fase de mudança no contexto nacional, no seguimento do I Congresso Nacional de Arquitectura (1948) e do III Congresso da União Internacional dos Arquitectos (1953). Se os aspectos da arquitectura e urbanismo de Alvalade se revelam merecedores de conhecimento e visita por parte de turistas e residentes na cidade, o território onde o bairro se implanta é igualmente uma fonte preciosa de informação sobre a velha Lisboa. O plano urbano foi realizado pelo arquitecto-urbanista Faria da Costa directamente sobre a área rural do sítio de Alvalade, composta por aglomerados de habitações precárias à beira das vias, edifícios isolados e grandes áreas agrícolas (Costa, 2010, pp.145,146).

A vegetação assinalada nas Cartas Militares, prévias ao plano de urbanização, permite concluir que as vinhas ocupavam grande extensão do terreno em toda a área nascente. Pontualmente, surgiam também zonas de árvores isoladas, nomeadamente oliveiras, azinheiras, carvalhos e castanheiros.





Figura 5 - Cartas Militares dos Arredores de Lisboa (1899 e 1937, respetivamente). DTG, Direcção Geral do Território, Corpo do Estado Maior do Exército – Cartas dos Arredores de Lisboa. CIGeoE, Centro de Informação Geoespacial do Exército, Serviços Cartográficos do Exército – Cartas Militares de Portugal, 1937



Figura 6 - Marcação das quintas e áreas de cultivo no sítio de Alvalade (1937). 1- Quinta do Ourives; 2- Quinta do Ramalho; 3- Casal do Cavaco; 4- Quinta Murada; 5- Casal das Velhas; 6- Quinta de Santa Luzia; 7- Quinta do Vidigal; 8- Quinta do Ramallete; 9- Quinta dos Coruchéus; 10- Quinta Seca; 11- Quinta da Quintinha. Imagem manipulada a partir da original (CIGeoE, Centro de Informação Geoespacial do Exército, Serviços Cartográficos do Exército – Cartas Militares de Portugal, 1937).





Figura 7 - Plano de urbanização de Alvalade sobreposto à planta síntese de 1937, evidenciando-se o contraste entre mancha urbana e a ruralidade preexistente. Unidades turísticas assinaladas a azul; como se pode verificar, grande parte das quais situam-se em áreas que eram constituídas por vinhas. Imagem manipulada a partir da original (CIGeoE, Centro de Informação Geoespacial do Exército, Serviços Cartográficos do Exército – Cartas Militares de Portugal, 1937).

As duas principais vias de acesso à cidade de Lisboa – Estrada das Amoreiras e Estrada de Sacavém – atravessavam o sítio de Alvalade no sentido norte-sul, tendo o seu traçado sido completamente apagado pelo plano de urbanização. Porém, a partir do topo norte da Estrada das Amoreiras partia uma outra via – a Estrada da Portela – que foi parcialmente integrada em Alvalade, constituindo atualmente a Rua Reinaldo Ferreira, na célula 6. Também o traçado da Azinhaga da Ceboleira foi considerado, bem como o tecido urbano que a envolvia, tendo sido parcialmente integrada na atual Travessa Henrique Cardoso.

Na planta que se segue (figura 8) apontam-se as principais vias do sítio de Alvalade, registadas nas cartas militares, bem como as respectivas denominações.





Figura 8 - Planta síntese das vias preexistentes ao plano de urbanização (imagem manipulada a partir da original, CIGeoE, Centro de Informação Geoespacial do Exército, Serviços Cartográficos do Exército – Cartas Militares de Portugal, 1937). 1- Avenida Alferes Malheiro, 2- Campo 28 de Maio e Rua de Entrecampos, 3- Linha férrea da cintura, 4- Avenida do Aeroporto, 5- Estrada das Amoreiras, 6- Azinhaga de Santa Luzia, 7- Estrada da Portela, 8- Azinhaga do Fidié, 9- Azinhaga do Ourives, 10- Azinhaga da Mina, 11- Azinhaga da Feiteira, 12- Travessa dos Coruchéus, 13- Azinhaga das Calveias ou da Brasileira, 14- Azinhaga dos Coruchéus, 15- Azinhaga da Quinta Seca, 16- Azinhaga da Farinheira, 17- Azinhaga da Ceboleira. À direita, sobreposição do plano urbano de Alvalade no traçado viário preexistente.



Figura 9 - Aglomerados de edificado. 1- Aglomerado da Travessa Henrique Cardoso, 2- Aglomerado da Rua Dr. Gama Barros, 3- Aglomerado da Feiteira, 4- Aglomerado da Estrada da Portela. Imagem manipulada a partir da original (CIGeoE, Centro de Informação Geoespacial do Exército, Serviços Cartográficos do Exército – Cartas Militares de Portugal, 1937).

Na memória descritiva do plano de urbanização era descrita a existência de pequenos núcleos urbanos constituídos por edificações de fraca qualidade, localizados à beira das vias, nomeadamente: a Travessa Henrique Cardoso, Rua Dr. Gama Barros, Azinhaga da Feiteira e Estrada da Portela ao pote de água (Costa, 1997, p.20).



No caso da Travessa Henrique Cardoso procedeu-se a uma “integração de tecidos preexistentes no desenho urbano do Bairro de Alvalade (...) com renovação de parte do edificado” (Costa, 2010, p,146). O eixo viário que constitui a Travessa Henrique Cardoso implantou-se sobre uma via antecedente ao plano de urbanização, a suprarreferida Azinhaga da Ceboleira, que influenciou claramente o desenho da via proposta no plano.

O aglomerado que existia na atual Rua Dr. Gama Barros surge apenas nas Cartas Militares a partir de 1931, com parte do tecido incorporado na célula 8 do plano de urbanização; porém esta é uma zona que apresenta um processo de urbanização pouco estruturado, não se seguindo um plano concreto para a mesma (Costa, 1997, p.184). No que diz respeito às vias, ambas as ruas Dr. Gama Barros e José Pinheiro de Melo se implantam sobre os eixos preexistentes, assumindo uma configuração semelhante.

O aglomerado junto à Azinhaga da Feiteira só é claramente registado a partir da Carta Militar de 1931, embora nos períodos anteriores se apontasse já a existência de alguns edifícios na zona. As construções que o compunham, descritas como “miseráveis” pela memória descritiva do plano urbano (Costa, 1997, p.20), foram inteiramente demolidas, dando lugar à célula 4 do Bairro de Alvalade.

No cruzamento entre a Estrada da Portela e a Estrada das Amoreiras existia um aglomerado de edifícios assinalado nas Cartas Militares de 1931 e 1937. Do tecido preexistente no local apenas se incorporou um pequeno troço da Estrada da Portela, que corresponde à já referida Rua Reinaldo Ferreira, na célula 6.

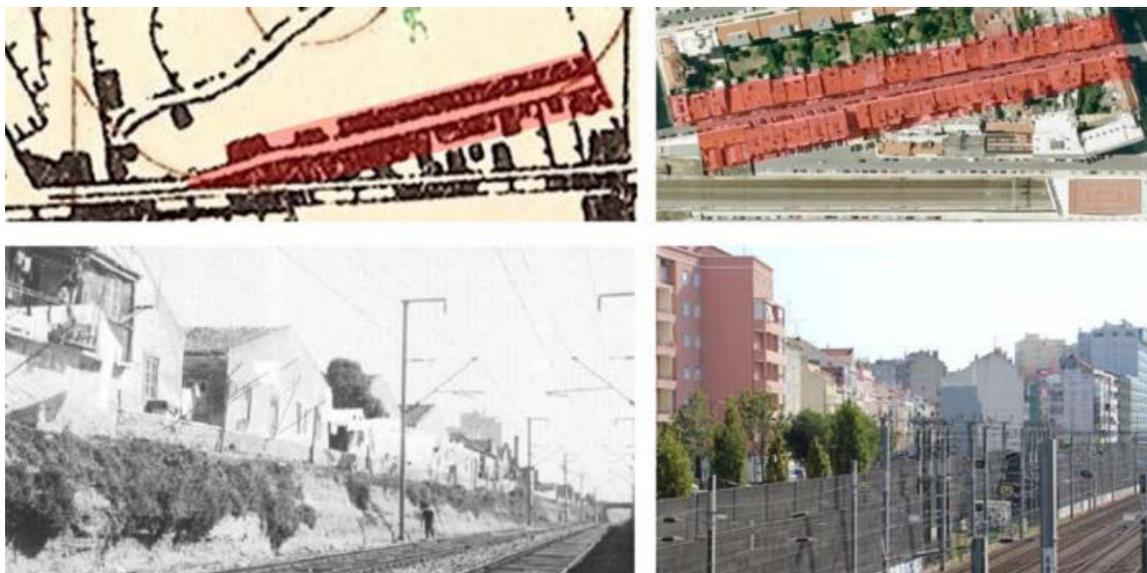


Figura 10 - Travessa Henrique Cardoso. Em cima, comparação entre a mancha urbana preexistente representada na Carta Militar de 1937 (CIGeoE, Centro de Informação Geoespacial do Exército, Serviços Cartográficos do Exército – Cartas Militares de Portugal 1937) e ortofotomapa atual do edificado correspondente. Como se verifica, a via atual implanta-se exatamente sobre a preexistente, assumindo a sua forma, procedendo-se igualmente à recuperação de alguns dos edifícios em redor. Em baixo, Traseiras da Travessa Henrique Cardoso (AML/Fotográfico, Madureira, A. - Traseiras da Travessa Henrique Cardoso. PT/AMLSB/ARM/I01273) e o local correspondente em 2016.



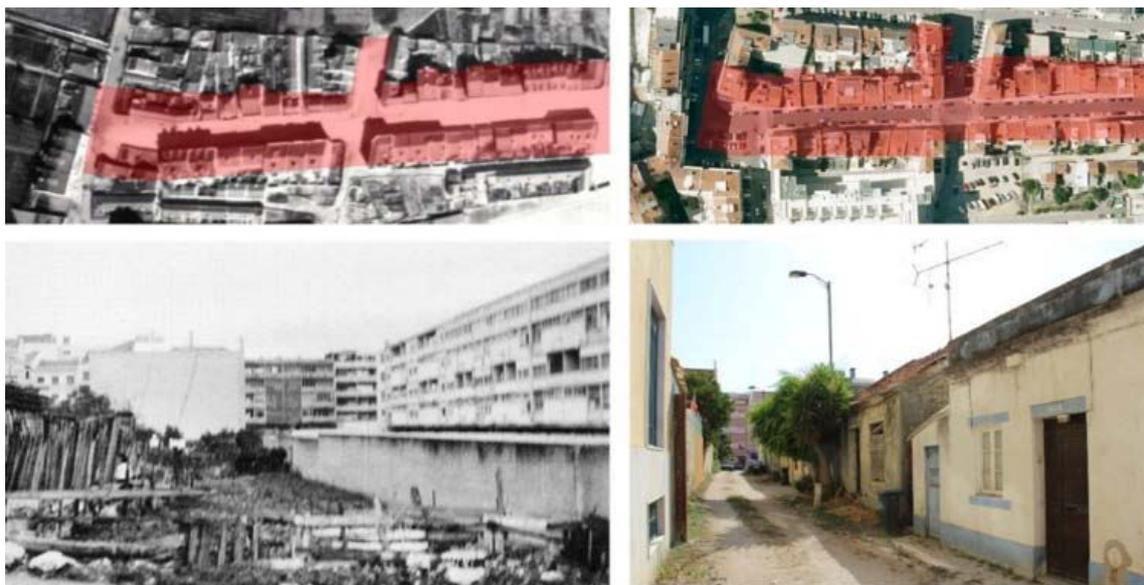


Figura 11 - Rua Dr. Gama Barros. Em cima, comparação entre o ortofotomapa de 1945, imagem manipulada a partir da original (DTG, Direção Geral do Território, Fototeca), e o ortofotomapa atual. As semelhanças configuracionais das vias e de implantação do edificado evidenciam que parte do tecido urbano preexistente foi incorporado no plano. Em baixo, fotografia da Rua Dr. Gama Barros em 1960 (AML/Fotográfico, Madureira, A. - Rua Dr. Gama Barros. PT/AMLSB/ARM/100722) e habitações antecedentes ao plano, nas traseiras da via (2016).



Figura 12 - Aglomerado da Feiteira. Em cima, aglomerado de edifícios no ortofotomapa de 1945, imagem manipulada a partir da original (DTG, Direção Geral do Território, Fototeca) e zona correspondente, célula 4 do Bairro de Alvalade, na atualidade. Em baixo, fotografia de habitações precárias na Azinhaga da Feiteira, em 1940 (AML/Fotográfico, Portugal, E. - Bairro de Barracas, vai da estrada das Amoreiras à estrada de Sacavém. PT/AMLSB/EDP/001807) e fotografia da célula 4 do plano de urbanização, em 2016.



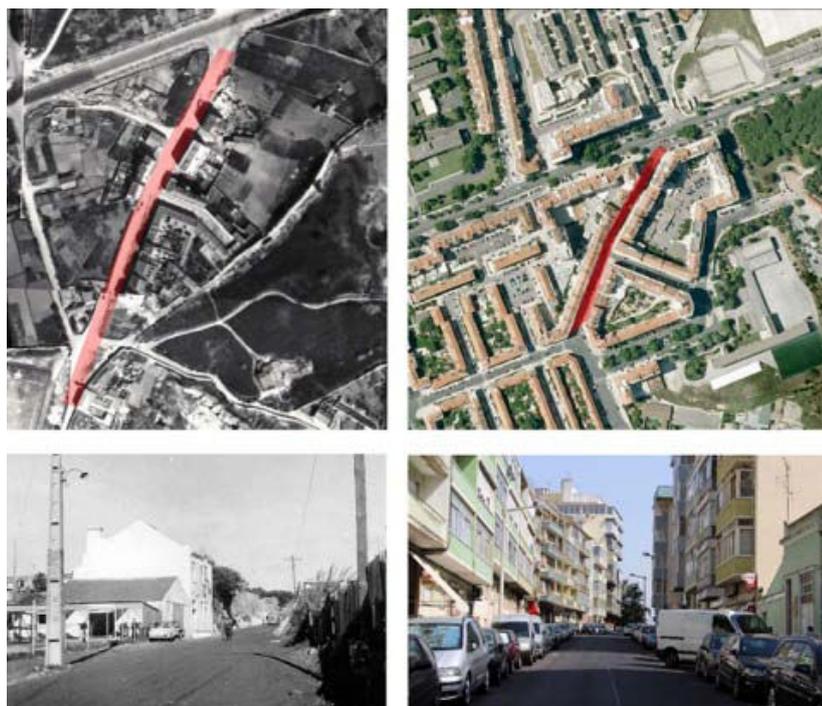


Figura 13 - Aglomerado da Estrada da Portela. Em cima, aglomerado de construções no ortofotomapa de 1945, imagem manipulada a partir da original (DTG, Direção Geral do Território, Fototeca) e local correspondente no ortofotomapa atual. Em baixo, fotografia da Estrada da Portela (AML/Fotográfico, Goulart, J. H. C. - Estrada da Portela, ao Pote de Água. PT/AMLSB/JHG/S02424) e Rua Reinaldo Ferreira (2016), via de Alvalade que integra um troço da via preexistente.

Além dos aglomerados de construções, registam-se ainda edificações isoladas de destaque, devido ao seu valor memorial e arquitetónico, algumas das quais integradas no plano urbano, nomeadamente o Palácio dos Coruchéus, a Quinta dos Lagares d'El Rei, a Igreja Paroquial dos Santos Reis Magos e o Chafariz de Entrecampos.



Figura 14 - Plano de urbanização de Alvalade, unidades turísticas assinaladas a azul e construções preexistentes assinaladas a vermelho. 1- Palácio dos Coruchéus, 2- Quinta dos Lagares d'El Rei, 3- Igreja Paroquial dos Santos Reis Magos, 4- Chafariz de Entrecampos.

O **Palácio dos Coruchéus**, edifício seiscentista integrado na célula 2 do Bairro de Alvalade, pertenceu outrora à antiga Quinta dos Coruchéus. Ao longo dos séculos o edifício terá sofrido diversas adulterações, embora o caráter maneirista se mantenha (Ataide e Soares, 2000, p.179). Em 1971 a Câmara Municipal de Lisboa inaugurou o Centro Artístico dos Coruchéus, integrando dois novos edifícios da autoria de Fernando Peres Guimarães, onde se localizaram *ateliers* para alugar a artistas plásticos. O palácio foi incluído no complexo, integrando espaços diversos direcionados para a comunidade artística. Em 1973 inaugurou-se a Galeria Quadrum, que se tornou um espaço de destaque no panorama artístico nacional, até o encerramento em 1995. Atualmente, a atividade artística nos Coruchéus mantém-se, com o palácio a albergar a Biblioteca dos Coruchéus (HML, Saber Alvalade - Coruchéus, 2013).





Figura 15 - Palácio dos Coruchéus. Em cima, ortofotomapa de 1945, imagem manipulada a partir da original (DTG, Direção Geral do Território, Fototeca) e vista aérea atual. Em baixo, fotografias do palácio em 1963 (AML/Fotográfico, Seródio, A. - Palácio dos Coruchéus. PT/AMLSB/SER/S01661) e 2016, respetivamente.

A **Quinta dos Lagares d’El Rei**, situada no interior da célula 8 do Bairro de Alvalade, foi outrora uma propriedade de enormes dimensões, ocupando uma área superior a quarenta hectares. Estima-se que a casa de veraneio que se encontra no local tenha sido construída por volta de 1684, tendo sofrido ampliações desde então (Santana e Sucena, 1994, p,756).

Aquando da urbanização do Bairro de Alvalade, a Quinta dos Lagares d’El Rei foi absorvida pelo tecido urbano, perdendo totalmente o carácter de vastidão e ruralidade que teve outrora. Hoje em dia é como uma ilha dentro do bairro, que permite um vislumbre da história do lugar.



Figura 16 - Quinta dos Lagares d’El Rei na Planta Topográfica de Lisboa, de Silva Pinto (1911), onde são claras as divisões do território em courelas. À direita, sobreposição da zona correspondente, na atualidade, com a localização das unidades turísticas. Imagens manipuladas a partir da original, (AML, PINTO, Júlio António Vieira da Silva – Planta Topográfica de Lisboa. PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/05/03).





Figura 17 - Quinta dos Lagares d'El Rei. Em cima, ortofotomapa de 1945, imagem manipulada a partir da original, (DTG, Direção Geral do Território, Fototeca) e vista aérea atual. Em baixo, panorâmica tirada do Areeiro sobre a Quinta dos Lagares d'El Rei em 1947 (AML/ Fotográfico, Portugal, E. - Panorâmica tirada do Areeiro sobre a quinta dos Lagares d' El Rei. PT/AMLSB/POR/059978) e o palacete em 2016.

A Igreja Paroquial dos Santos Reis Magos e o Chafariz de Entrecampos são construções de caráter mais simples, comparativamente às suprarreferidas, mas que constituem um marco do passado de Alvalade, como se pode observar nos azulejos que retratam a vista panorâmica sobre o vale de Entrecampos em 1851, aplicados no chafariz.

O I Congresso Nacional de Arquitetura (1948) e do III Congresso da União Internacional dos Arquitetos (1953) foram momentos chave que permitiram aos arquitetos portugueses debater amplamente os problemas de habitação em Lisboa, as vantagens da arquitetura moderna e a integração das artes na arquitetura (Marques, 2012, pp.25,35); por outro lado, em março de 1954 saiu um despacho do presidente da CML a oficializar a inclusão, nos projetos encomendados pela Câmara, de obras de artistas plásticos (Marques, 2012, p.46). O plano urbano para Alvalade foi aprovado em 1945, com a edificação do Bairro de Alvalade a decorrer neste contexto de discussão e adesão aos ideais modernos. Neste sentido, propomos um percurso pedonal exemplificativo a figurar na *aplicação digital de turismo*, ao longo da célula 8 e respetivas vias estruturantes, tendo em conta a diversidade e concentração de obras de arte e arquitetura nesta unidade de vizinhança.





Figura 18 - Mapeamento das obras de arte integradas em edifícios, no Bairro de Alvalade – vermelho. Unidades turísticas – azul.



Figura 19 - Unidades turísticas da célula 8 assinaladas a azul. Edifícios e intervenções artísticas assinalados a vermelho. 1- Hotel Lutécia e Teatro Maria Matos; 2- Baixos relevos e “entaladas” da Avenida de Roma; 3- Paineis azulejar do café Vá-Vá; 4- Revestimentos azulejares e painéis de mosaico na Av. dos EUA; 5- Relevos na Rua Guilhermina Suggia; 6- Azulejos padronados da Avenida Almirante Gago Coutinho; 7- Paineis azulejares do equipamento escolar; 8- Bairro das Estacas.



Hotel Lutécia e Teatro Maria Matos

Tomando de empréstimo o conceito de unidade de vizinhança, e propondo a sua aplicação na área do Turismo, com o Hotel enquanto novo centro das distâncias percorriáveis a pé, consideramos pertinente iniciar o percurso pedonal da célula 8 a partir do Hotel Lutécia, integrado num complexo arquitetónico “único no país e invulgar nas grandes cidades do mundo” (HML, Saber Alvalade-Cinema Vox, 2013) constituído originalmente por hotel, cinema e teatro. Esta obra foi das últimas edificadas no bairro e, talvez por isso, a sua arquitetura denote já “referências outras que não o racionalismo” que marcou grande parte do processo construtivo de Alvalade (Marques, 2012, p.132).

Atualmente, apenas se mantêm em funcionamento o hotel e o Teatro Maria Matos, onde se podem apreciar três obras de arte, testemunhos do desejo da participação de artistas plásticos na arquitetura: um baixo relevo, de Martins Correia; uma coluna escultural, do mesmo autor; um relevo cerâmico, de Manuela Madureira (Marques, 2012, p.132).

Baixos relevos e “entaladas” da Avenida de Roma

Os motivos decorativos surgem na Avenida de Roma maioritariamente sob a forma de baixos relevos, ornamentando as entradas dos prédios de renda livre, numa referência ao costume do século XIX e início do século XX de decorar as entradas das habitações urbanas de classe alta (Marques, 2012, p.155). O famoso termo “entaladas”, em referência aos baixos relevos com figuras femininas adossados entre a porta de entrada e a sacada dos edifícios, foi aplicado pela primeira vez por Keil do Amaral, que descrevia este tipo de intervenções como uma “proliferação epidémica” (Amaral, 1969, p.161).

As temáticas exploradas nos baixos relevos de Alvalade – maioritariamente produzidos em cimento – aludem a um universo mitológico, mas também ao fascinante fenómeno de edificação da cidade, num “sentido de homenagem ao esforço de construção do bairro” (Marques, 2012, p.157).

Ao longo do troço da Avenida de Roma o visitante pode apreciar dez obras de arte pública: nove baixos relevos e uma escultura vulto a encimar o edifício em que se integra. Esta última – o homem da marreta – particularmente interessante devido ao contexto polémico criado em torno da qual, ao ser “motivo de risos e ditos” (Marques, 2012, p.162), quando observada de determinado ângulo.





Figura 20 - "Entalada" e baixo relevo referente à construção da cidade.



Figura 21 - Homem da marreta e baixo relevo na Avenida de Roma.

Cruzamento da Avenida de Roma com a Avenida dos Estados Unidos da América e Painel Azulejar do café Vá-Vá

O cruzamento das avenidas estruturantes do plano de urbanização assinalou-se recorrendo ao desenho de praças, marcos urbanos ou edifícios de destaque. Para o cruzamento da Av. de Roma com a Av. dos EUA os arquitetos Filipe Figueiredo e José Segurado apresentaram uma “opção festiva” (Tostões, 1997, p.73) inspirada na Unidade de Habitação de Marselha (Le Corbusier) através de quatro blocos de feição moderna – dois dos quais implantados perpendicularmente sobre a praça – com doze pisos.

Embora o carácter vanguardista do projeto tenha originado desaprovação, a obra foi realizada mantendo a forte expressividade e tratamento formal, com recurso à policromia, aplicação de diferentes materiais e texturas e tratamento escultórico das varandas (Tostões, 1997, p.73).





Figura 22 - Blocos habitacionais no cruzamento da Avenida de Roma com a Avenida dos Estados Unidos da América. (AML/Fotográfico, Pastor, A. - Avenida dos Estados Unidos da América no cruzamento com a avenida de Roma. PT/AMLSB/ART/031620).

No piso comercial dos blocos números 100 e 102 inaugurou-se, em 1958, um dos espaços de culto no Bairro de Alvalade, onde “nasceu o novo cinema português, se conspirou e se sonhou o futuro em dissidência com o país cinzento” (HML, Saber Alvalade-Café Vá-Vá 2013): o café Vá-Vá, símbolo dos anos 60 e de uma geração.

Ao forte caráter social e vanguardista do café acrescentou-se o desejo de alinhar o espaço com os novos pressupostos arquitetónicos que surgiam em Alvalade através de uma obra de painéis azulejares da pintora Menez. Esta obra de arte abstrata, inovadora no contexto do bairro, surge numa época em que o abstracionismo era recusado nas obras públicas, por parte da Comissão Municipal de Arte e Arqueologia (Marques, 2012, p.139).



Figura 23 - Painéis azulejares no café Vá-Vá, autoria de Menez.



Revestimentos azulejares e painéis de mosaico nos blocos habitacionais da Av. dos EUA

A Av. dos EUA é a grande via de atravessamento de Alvalade, para a qual se propôs uma ocupação racionalista com blocos perpendicularmente dispostos ao longo da via, elevados sobre *pilotis*, de modo a diminuir o impacto sonoro do tráfego automóvel na avenida.

Se a arquitetura dos blocos habitacionais evidencia claramente a influência do modernismo em Alvalade, esse destaque é intensificado por uma efetiva integração das artes plásticas através dos revestimentos azulejares e painéis de mosaicos (que nos remetem para um universo surrealista) com autoria de Carlos Calvet e Manuel Gargaleiro (Marques, 2012, pp.173, 175).



Figura 24 - Revestimentos azulejares padronados, autoria de Carlos Calvet e Manuel Gargaleiro, respetivamente.



Figura 25 - Painéis de mosaico na Av. dos EUA, autoria de Carlos Calvet.

Relevos na Rua Guilhermina Suggia

O conjunto habitacional da Rua Guilhermina Suggia é projetado na sequência do I Congresso Nacional de Arquitetura e consiste na primeira obra residencial de influência modernista em Alvalade (Tostões, 1997, p.72). Os blocos dispostos perpendicularmente sobre a via, separados alternadamente por jardins públicos, revelam um manejo ainda tímido dos ideários modernos, dotando o conjunto de uma configuração dividida entre a arquitetura que havia sido produzida até então em Alvalade e a linguagem modernista (Costa, 2010,



p.77).

As empenas cegas que pontuam a via receberam um conjunto de relevos da autoria de António Branco Paiva, com temáticas que invocam o universo do fantástico, numa fusão entre mitologia e cristianismo com alta carga dramática. É interessante verificar que o carácter díspar do conjunto arquitetónico se repete na relação estabelecida entre as intervenções artísticas e o espaço público. Se, por um lado, a integração das obras de arte nas empenas, localizadas lateralmente à entrada do edifício, remete para uma abordagem moderna, por outro, mantém-se uma afirmação da tradicional rua corredor: as empenas são centralmente decoradas, reforçando o eixo da via e, nos topos norte e sul da rua, figuram dois ornamentos que acentuam a simetria. (Marques, 2012, pp.165-169).



Figura 26 - Baixos relevos, autoria de António Paiva.

Azulejos padronados da Avenida Almirante Gago Coutinho

Integrados no conjunto habitacional da Rua Guilhermina Suggia, os edifícios acedidos através da Avenida Almirante Gago Coutinho não receberam quaisquer relevos, mas antes um conjunto de painéis azulejares nas entradas principais. A autoria dos azulejos padronados de cor verde, que se repetem ao longo da avenida, não é clara; estima-se, porém, que a assinatura visível – Ant. Duarte – corresponda ao escultor António Duarte (Marques, 2012, p.169).





Figura 27 - Revestimento azulejar padronado, autoria de "Ant. Duarte".

Grupo escolar da célula 8

A Escola Básica Teixeira de Pascoaes foi projetada por Ruy d'Athouguia com uma feição claramente modernista evidenciada pela estruturação modular, aliada aos espaços exteriores que prolongam as salas de aula, e pela integração das artes plásticas na arquitetura. Talvez devido aos ideais modernistas que influenciavam o arquiteto, para este equipamento não se previu uma intervenção artística convencionalmente académica, mas sim duas intervenções da pintora Menez; uma das quais foi recusada, por se considerar arte abstrata, realizando-se apenas um conjunto de painéis de azulejos para o interior do estabelecimento (Marques, 2012, p.185). Estes painéis destinavam-se aos dois refeitórios da escola, num período em que se mantinha a separação entre género feminino e masculino; atualmente, existe somente um refeitório, tendo o outro espaço sido convertido num ginásio.

O facto de os painéis de azulejos se situarem no interior da escola impede a sua apreciação por parte de qualquer visitante, não se tratando do tipo de arte pública que se tem apresentado. Consistem, contudo, num testemunho precioso da evolução do pensamento arquitetónico na sua relação com as artes plásticas.

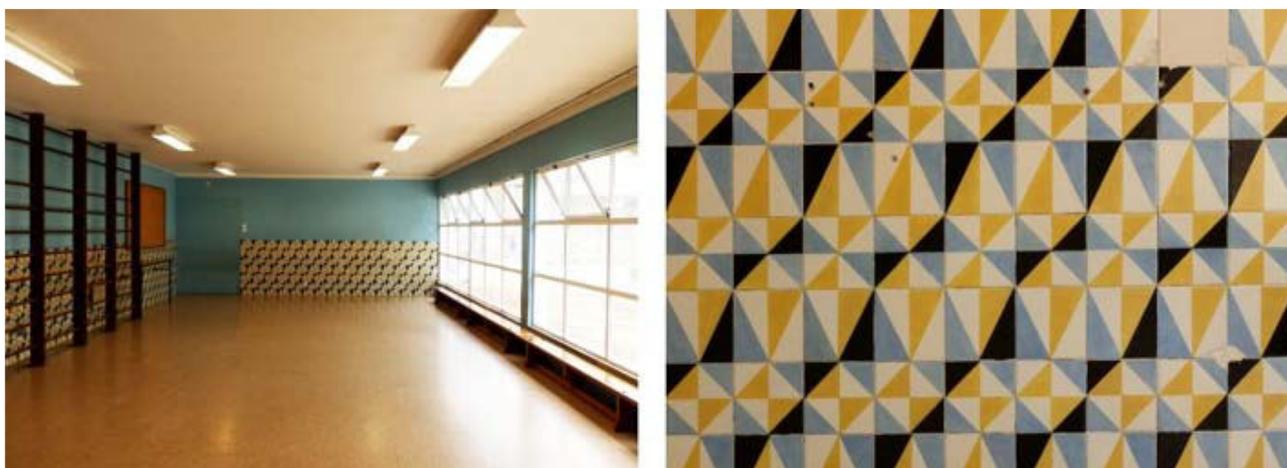


Figura 28 - Painéis azulejares padronados no equipamento escolar da célula 8, autoria da pintora Menez.



Bairro das Estacas

O Bairro São João de Deus, vulgo Bairro das Estacas, é talvez a obra mais sonante de Alvalade, epítome do movimento moderno da época em contexto lisboeta. Desenvolvido por Ruy d'Albuquerque e Formosinho Sanchez o projeto é constituído por quatro blocos implantados ortogonalmente sobre o eixo viário, elevados por *pilotis*, criando uma “extensa plataforma de jardim prolongada em transparência sob os edifícios” (Tostões, 1997, p.72). Também os alçados, orientados a nascente-poente, remetem para o movimento moderno, acentuando-se a horizontalidade dos vãos através de varandas corridas, e a cobertura ligeiramente inclinada está engenhosamente disfarçada, de modo a aparentar o desejado volume puro modernista (Tostões, 1997, p.72). Os fogos foram desenhados tendo em atenção questões de salubridade, insolação e ventilação transversal, sendo organizados em unidades de um só piso e recorrendo também à tipologia *duplex*. A estrutura segue os pressupostos modernistas que regeram o projeto, correspondendo a uma organização modular constituída por pilares, vigas e lajes maciças de betão armado. Segundo a revista *Arquitectura*, previu a Câmara Municipal “a colocação de elementos escultóricos” (*Arquitectura – Revista de Arte e Construção*, 1954, p.23). nas zonas ajardinadas públicas. Estas esculturas nunca foram realizadas, pelo que não existe qualquer intervenção artística no Bairro das Estacas. Pese o facto de não se verificar um modelo de síntese das artes neste conjunto habitacional, não deixa de ser uma obra arquitetónica fundamental no contexto arquitetónico português.

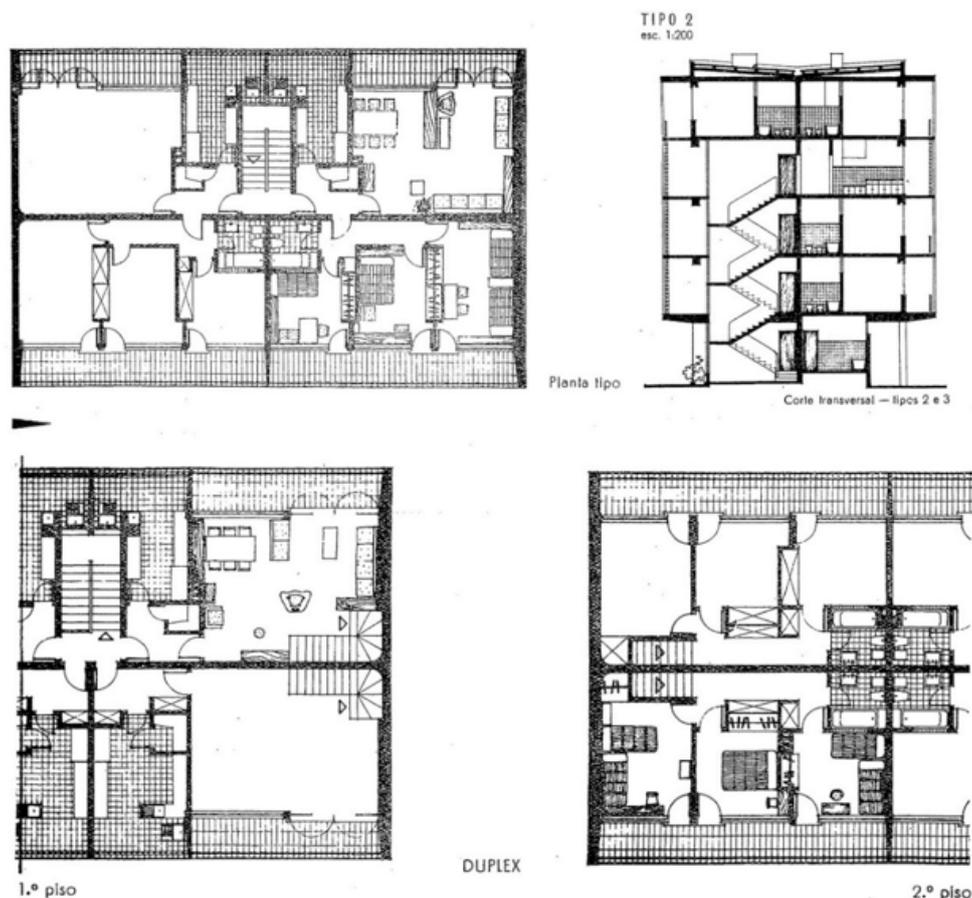


Figura 29 - Bairro das Estacas. (Revista *Arquitectura*, vol. 26, nº 53, nov.-dez. 1954, p. 23).



Conclusões

Tal como refere Thomas Bender (2001) a modernidade da cidade assenta precisamente no diálogo com o passado, e esse diálogo potenciado pelas novas tecnologias contribui para sublinhar a consciência detectada por Laurajane Smith (2006) de que o património não é uma coisa, lugar ou evento intangível, mas um desempenho ou processo cultural relacionado com a criação e re-criação de memórias, valores e significados culturais.

O Bairro de Alvalade implantou-se sobre um território de carácter rural, praticamente inacessível na atualidade, sobre o qual se aplicou um plano e uma nova morfologia urbana, se construiu uma nova arquitectura, na qual se integraram intervenções artísticas em diferentes suportes. Através da investigação realizada às quatro escalas: rural, urbana, arquitetónica e artística, possibilitando a produção de conteúdos acessíveis através de uma aplicação digital, será possível a um visitante, experienciar esse conhecimento e essa descoberta, através do acto de deambular, de um olhar radiográfico, e a partir de uma nova escala – a virtual – promovendo a partilha de uma cultura arquitetónica e urbanística num espaço da cidade 'banal', longe dos grandes centros turísticos.

Referências

- (22 de Setembro de 1948). *O Século*.
- Actas da Câmara Municipal de Lisboa. 1945. (1946). Lisboa: CML, sessão de 16 de Agosto.
- Actas da Câmara Municipal de Lisboa. 1947. (1948). Lisboa: CML, Sessão de 21 de Agosto.
- Amaral, K. (1969) - Lisboa: uma cidade em transformação. Sintra: Publicações Europa América
- Anais do Município de Lisboa 1947. (1948). Lisboa: CML.
- Ataíde, M. M., & Soares, M. M. (2000) - Monumentos e Edifícios Notáveis no Distrito de Lisboa, Volume 5, Quarto Tomo, 2ª Parte. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa
- Baudelaire, C. (2015) - O Pintor da Vida Moderna. Lisboa: Nova Vega.
- Bender, T. (2001) - The Unfinished City – New York and the metropolitan idea , New York, The New Press
- Blocos de habitação da célula 8 do Bairro de Alvalade. (Nov. - Dez. de 1954). *Arquitectura - Revista de Arte e Construção*, pp. 4, 5, 23.
- Careri, Francesco (2016) *Walkscapes, O Caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili
- Costa, J. P. (1997) - Bairro de Alvalade: Considerações Sobre o Urbanismo Habitacional (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa
- Costa, J. P. (2010) - Bairro de Alvalade: Um Paradigma no Urbanismo Português. Lisboa: Livros Horizonte
- HML, Hemeroteca Digital de Lisboa (2013) - *SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual CENTROS DE ARTE: Coruchéus*. Retrieved 7 de maio de 2016, from <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CORUCHEUS.pdf>
- HML, Hemeroteca Digital de Lisboa (2013) - *SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual CENTROS DE ARTE: Café Vá-Vá*. Retrieved 11 de fevereiro de 2016, from <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CORUCHEUS.pdf>



cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CORUCHEUS.pdf

- HML, Hemeroteca Digital de Lisboa (2013) - *SABER ALVALADE. Roteiro de um bairro - Exposição virtual CULTURA: Hotel Lutécia, Cinema Vox e Teatro Maria Matos*. Retrieved 7 de maio de 2016, from <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/Paineis/CINEMAVOX.pdf>
- Lamas, J. M. R. G (1992) - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica
- Lisboa Nova. (2 de Outubro de 1948). *O Século Ilustrado*.
- Marques, I. (2012) - *Arte e Habitação em Lisboa, 1945-1965: Cruzamentos entre Desenho Urbano, Arquitectura e Arte Pública* (Tese de Doutoramento). Universidad de Barcelona
- O Grande Plano de urbanização de Alvalade (1948). *Diário de Notícias* (22 Setembro 1948).
- Office, Eames. (Realizador). (1977). *Powers of Ten* [Filme].
- Quelques notes sur le développement de Lisbonne. (1948). Lisboa: CML.
- Santana, F., & Sucena, E. - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa : Carlos Quintas, 1994
- Smith, L. (2006) - *Uses of Heritage*. London and New York: Routledge
- Tostões, A. (1997) - *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP

